Caim Rebelado

Stephen King

Garrish saiu do brilhante sol de maio para a frialdade dos dormitórios. Seus olhos demoraram um instante a adaptar-se, de modo que a voz de Harry "Castor" foi, a princípio, apenas incorpórea, vinda das sombras.

- Uma droga, hem? - perguntou "Castor". - Não foi mesmo uma bruta droga?

- Foi - respondeu Garrish. - Um bocado difícil.

Agora, seus olhos pousavam em "Castor". Ele esfregava a mão nas espinhas da testa e havia suor sob seus olhos. Usava sandálias e uma camiseta 69, tendo à frente um botão dizendo que Howdy Doody era um pervertido. Seus enormes dentes protuberantes cintilavam na penumbra.

- Eu ia me mandarem janeiro -disse "Castor". - Fiquei repetindo para mim, caia fora enquanto é tempo. Então, encerrou-se o período para as comunicações de saída, e seria eu ir em frente ou não completar o termo. Acho que levei pau, Curt. Palavra.

A inspetora estava parada na esquina, ao lado das caixas de correspondência. Era uma mulher extremamente alta, mostrando uma vaga semelhança com Rodolfo Valentino. Com uma das mãos, tentava endireitar uma alça por baixo da cava suada do vestido, enquanto com a outra pregava a percevejos uma lista com o nome dos que deixavam o dormitório.

- Um bocado difícil - repetiu Garrish.

- Tentei colar alguma coisa de você, mas não tive coragem, palavra. Aquela cara tem olhos de águia! Acha que conseguiu seu A?

- Acho que talvez seja reprovado - respondeu Garrish.

- Acha que vai levar pau? Você acha que...

- Vou tomar uma ducha, certo?

- Sim, certo, Curt. Certo. Esta foi sua última prova?

- Foi - respondeu Garrish. - Esta foi minha última prova.

Garrish cruzou o saguão, atravessou as portas e começou a subir. O poço da escada cheirava como um suporte atlético. Os mesmos velhos degraus. Seu quarto ficava no quinto andar.

Quinn e aquele outro idiota do terceiro, o que tinha pernas cabeludas, cruzaram com ele, atirando uma bola de so/'tball de um lado para outro. Um sujeitinho de óculos de aro e um cavanhaque que se esforçava valentemente para aparecer, passou a seu lado entre o quarto e o quinto, apertando um livro de cálculo contra o peito, como uma Bíblia, os lábios se movendo em um rosário de logarítmos. Seus olhos eram vazios como quadros-negros.

Garrish parou e o seguiu com o olhar, perguntando-se se ele não estaria melhor

morto, mas o sujeitinho era agora apenas uma sombra vacilante que se esfumava contra a parede. Ela oscilou uma vez mais e desapareceu. Garrish subiu para o quinto e desceu o corredor até seu quarto. ' `Chiqueiro" havia partido dois dias antes. Quatro provas finais em três dias, um esforço dos diabos, e me dê o meu boné... "Chiqueiro" sabia como fazer as coisas. Deixara para trás apenas os posters de suas pin-nps, duas meias desaparelhadas, sujas e fedorentas, e uma paródia em cerâmica do Pensador de Rodin, encarapitada em um vaso sanitário.

Garrish enfiou sua chave na fechadura e a girou.

- Curt! Hei, Curt!

Rollins, o asinino conselheiro daquele pavimento, que tinha enviado Jimmy Brody para visitar o Deão dos Homens, por infração alcoólica, vinha descendo o corredor e acenava para ele. Era alto, corpulento, de cabelos em corte rente, simétrico. Parecia envernizado.

- Você já encerrou? - perguntou Rollins.

- Hã-hã.

- Não esqueça de varrer o chão e preencher o relatório de danos, certo? - Hã-hã.

- Enfiei um relatório de danos debaixo de sua porta na quinta-feira, certo? - Hã-hã.

- Se eu não estiverem meu quarto, basta enfiar o relatório de danos e a chave por baixo da porta.

- Certo.

Rollins estendeu a mão e apertou a dele, sacundindo-a duas vezes, rápido, pump-piemp. A palma de Rollins era seca, de pele granulosa. Apertar a mão dele era como apertar um punhado de sal.

- Desejo-lhe um bom verão, cara.

- Obrigado.

- Não se esforce além da conta.

- Certo.

- Use, mas não abuse.

- Vou usar e não abusar.

Rollins pareceu momentaneamente intrigado, depois riu.

- Muito bem, cuide-se, rapaz.

Bateu no ombro de Garrish e continuou a descer o corredor, parando uma vez para dizer a Ron Frane que abaixasse o volume do estéreo. Garrish podia ver Rollinsjazendo morto em uma sarjeta, com larvas nos olhos. Rollins não se importaria e tampouco as larvas. A gente come o mundo ou o mundo nos come e tudo acaba bem, de um jeito ou de outro.

Garrish fcou parado e pensativo, olhando até Rollins desaparecer de vista. Só então entrou em seu quarto.

Sem a ciclônica bagunça de "Chiqueiro", o aposento parecia nu e estéril. A montanha desordenada, crescida e dispersa que havia sido a cama de "Chiqueiro", desaparecera por completo, restando apenas o colchão desnudo - embora

ligeiramente manchado de esperma. Duas capas duplas de Pluyboy olharam do alto para ele, exibindo congelados convites bidimensionais.

Houvera pouca mudança na metade do quarto que pertencia a Garrish, que sempre estivera arrumada como um quartel. Deixando-se cair uma moeda sobre a esticada coberta de sua cama, ela certamente ricochetearia. Tamanha arrumação dera nos nervos de "Porcalhão". Ele fazia especialização em Inglês e tinha tendência para belas frases. Chamava Garrish de dono-de-pombal. A única coisa na parede, acima da cama de Garrish, era uma grande ampliação fotográfica de Humphrey Bogart, que adquirira na livraria da universidade. Bogie empunhava uma pistola automática em cada mão e usava elásticos nas mangas da camisa. "Chiqueiro" dizia que pistolas e braçadeiras eram símbolos de impotência. Garrish duvidava muito que Bogie tivesse sido impotente, mesmo nunca tendo lido nada sobre ele.

Chegou à porta do armário embutido, destrancou-a e tirou o enorme Magnum .325 com coronha de nogueira, que seu pai, um ministro metodista, lhe comprara pelo Natal. O visor telescópico havia sido comprado no último março, pelo próprio Garrish.

Supunha-se proibida a presença de armas nos quartos, inclusive de rifles de caça, porém não havia sido difícil. Ele o apanhara no depósito de armas da universidade, apresentando uma papeleta forjada de retirada. Colocara-o em seu estojo de couro à prova d'água e o deixara no bosque atrás do campo de futebol. Esta madrugada, por volta de três horas, deixara o dormitório e tinha ido apanhá-lo, trazendo-o de volta através dos corredores adormecidos.

Garrish sentou-se na cama, com o rifle cruzado sobre os joelhos, e chorou um pouquinho. O Pensador olhava para ele, sentado em seu vaso sanitário. Garrish largou a arma em cima da cama, cruzou o quarto e, com um tapa, jogou-o fora da mesa de "Porcalhão". O Pensador de cerâmica caiu ao chão, onde se estilhaçou. Houve uma batida à porta.

Garrish escondeu o rifle debaixo da cama.

- Entre!

Era Bailey, em roupas de baixo. Havia um rolo de fios do tecido, no botão sobre o estômago. Não existia futuro para Bailey. Ele se casaria com uma garota imbecil e os dois teriam filhos imbecis. Mais tarde, Bailey morreria de câncer ou talvez de insuficiência renal.

- Como foi em sua final de Química, Curt?

- Tudo bem.

- Queria saber se podia emprestar-me suas anotações. Tenho Química ama-

- Eu as queimei com meu lixo, esta manhã.

- Oh! Meu Deus! "Porcalhão" fez isso? - e ele apontou para os remanescentes do Pensador.

- Acho que fez.

- Por que tinha de fazer isso, se ia embora? Eu gostava daquela coisa. Ia comprá-la dele.

Bailey tinha feições miúdas e aguçadas, como as de um rato. Sua roupa de baixo era surrada, com fundilhos empapuçados. Garrish podia ver exatamente como ele pareceria, morrendo de enfizema ou coisa assim, em uma tenda de oxigênio. Como ficaria amarelo. Eu poderia ajudá-lo pensou.

- Acha que ele se importaria, se eu ficasse com as pin-ups?

- Acho que não.

- ótimo. - Bailey cruzou o quarto, os pés nus pisando cautelosamente nos cacos de ceràmica, e tirou os percevejos que prendiam os posters das coelhinhas. - Essa foto de Bogart também é um barato. Sem maminhas, mas, puxa! Entende? - Bailey olhou de esguelha para Garrish, querendo ver se ele sorriria. Como não houvesse nenhum sorriso, acrescentou: - Estará pretendendo desfazer-se dele?

- Não. Apenas me preparava para uma ducha.

- Tudo bem. Se não tornar a vê-lo, tenha um bom verão, Curt.

- Obrigado.

Bailey caminhou até a porta, com os fundilhos bamboleando-se. Ali, parou e se virou.

- Outros quatro pontos este semestre, Curt?

- No mínimo.

- Boa pedida! Até o ano que vem!

Saiu e fechou a porta. Garrish sentou-se na cama por um momento, depois apanhou o rifle, desmontou-o e limpou-o. Levou a boca da arma até o olho e espiou para o pequeno círculo de luz na extremidade oposta. O cano estava limpo. Tornou a montar a arma.

Na terceira gaveta de sua secretária havia três pesadas caixas de munição Winchester. Colocou-as sobre o peitoril. Passou a chave na porta do quarto e retornou à janela. Ergueu as persianas.

A aléia principal da universidade estava clara e verdejante, pontilhada de estudantes indo e vindo. Quinn e seu amigo idiota estavam entretidos com mais um grupo, jogando bola. Corriam de um lado para outro, como formigas aleijadas escapando de um buraco desmantelado.

- Quero dizer-lhe uma coisa-falou Garrish para Bogie. - Deus ficou danado da vida com Caim, porque Caim o julgava um vegetariano. O irmão dele sabia mais. Deus fez o mundo à Sua imagem e, se a gente não devora o mundo, ele nos devora. Foi então que Caim perguntou ao irmão, " Por que não me contou?" E o irmão respondeu, "Por que você não ouviu?" E Caim disse, "Certo, estou ouvindo agora". Então, ele dá cabo do irmão e diz, "Ei, Deus! Você quer carne? Aqui a tem! Prefere assada. em bifes, Abelburgera ou como?" E Deus lhe disse que comesse suas sandálias. E então... o que você acha?

Não houve resposta de Bogie.

Garrish ergueu a janela e descansou os cotovelos no peitoril, sem deixar que o cano de .353 se projetasse para fora, à luz do sol. Olhou pelo visor.

Centrou-o no dormitório feminino Carlton Memorial, no outro lado da aléia principal. O

Carlton era mais popularmente conhecido como os canis. Colocou os fios cruzados sobre uma grande camioneta Ford. Uma aluna loura, em jeans e camisa azul, conversava com a mãe, enquanto o pai, de rosto corado e calvo, enchia a traseira da camioneta com malas.

Alguém bateu à porta.

Garrish esperou.

A batida repetiu-se.

- Curt? Eu lhe darei meia prata pelo poster de Bogart!

Bailey.

Garrish nada disse. A garota e sua mãe riam de alguma coisa, ignorando que havia micróbios em seus intestinos, alimentando-se, dividindo-se, multiplicando-se. O pai da garota se juntou a elas e ficaram reunidos ao sol, um retrato de família no retículo de fios cruzados.

- Que se danem todos! - exclamou Bailey.

Seus pés se moveram corredor abaixo.

Garrish apertou o gatilho.

O rifle escoiceou seu ombro com força, o bom e acolchoado coice de quando se tem a arma apoiada exatamente no lugar certo. A cabeça loura da garota sorridente espatifou-se.

Sua mãe continuou rindo por um momento, depois levou a mão à boca. Gritou por entre os dedos. Garrish atirou neles. Mão e cabeça desapareceram, em borrifos vermelhos. O homem que estivera colocando as malas no carro, interrompeu-se e correu.

Garrish o seguiu com a arma e baleou-o nas costas. O homem levantou a cabeça, ficando fora do visor por um instante. Quinn segurava a bola de so~ll e olhava para os miolos da garota loura, salpicados sobre o indicador PROIBI DO ESTACIONAR, atrás de seu corpo caído. Quinn não se moveu. Por toda a aléia principal, as pessoas ficaram imóveis, como crianças brincando de estátuas.

Alguém esmurrou a porta, depois sacudiu a maçaneta. Bailey novamente.

- Curt? Você está bem, Curt? Acho que alguém está...

- Boa bebida, boa carne, bom Deus, vamos comer! exclamou Garrish, e atirou em Quinn.

Quinn saltou, ao invés de encolher-se, de modo que o tiro se perdeu. Ele agora corria. Sem problema. O segundo tiro o pegou no pescoço, fazendo-o voar por talvez uns seis

metros.

- Curt Garrish está se matando! -gritava Bailey. - Rollins! Rollins! Venha depressa!

Suas pisadas distanciaram-se, corredor abaixo.

Agora, eles começavam a correr. Garrish podia ouvir a gritaria geral. Podia

ouvir o distante som tap-tap de seus sapatos nas calçadas.

Ergueu os olhos para Bogie. Bogie empunhava suas duas armas e, do alto, olhou para ele. Garrish contemplou os restos estilhaçados do Pensador de " Por-

calhão" e perguntou-se o que ele estaria fazendo naquele momento, se dormia, via televisão ou devorava alguma lauta e espetacular refeição. Coma o mundo, "Porcalhão", pensou Garrish. Engula o perfeito otário.

- Garrish! - agora era Rollins que esmurrava a porta. - Abra, Garrish!

- Está trancada a chave! - ofegou Bailey. - Ele parecia esquisito, ele se matou, eu sei!

Garrish empurrou novamente a boca da arma para fora da janela. Um rapaz de camisa xadrez, agachado atrás de um arbusto, perscrutava as janelas do dormitório, com desesperada intensidade. Garrish percebeu que ele queria correr, mas estava com as pernas endurecidas.

- Vamos comer, bom Deus -murmurou Garrish, e começou a puxar o gatilho de novo.